

MESA
22 NOV
19H – 21H

FAKE NEWS E LETRAMENTO DIGITAL

Coordenação: Sandoval Nonato Gomes-Santos (USP)
Participantes: Márcia Mendonça (IEL/UNICAMP), Claudia Wanderley (CLE-UNICAMP), Patrícia Blanco (Palavra Aberta)

RESUMO I

PÓS-VERDADE E FAKENEWS: AS TRILHAS DOS CONCEITOS EM PRODUÇÕES DE VESTIBULANDOS

Márcia Mendonça

Unicamp, doutora em Linguística Aplicada, mendonça.mrs@gmail.com

Todos os anos, a Oxford Dictionaries elege a “palavra do ano”, pelo seu destaque no debate público. Em 2016, foi a vez de “pós-verdade”. Definida como substantivo “que se relaciona com ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”, a pós-verdade foi também um dos temas do vestibular Unicamp 2018. Na prova, solicitou-se a elaboração de um texto-base para palestra acerca do tema, a partir da leitura de dois textos, que tratavam de pós-verdade e notícias falsas. Pretendemos comentar aspectos da apropriação dos conceitos de pós-verdade e de fakenews, relacionando-a com a seleção de informações veiculadas pelos textos da prova. Esse exame avalia tanto capacidades de leitura quanto de escrita e se baseia em uma perspectiva enunciativa de linguagem (BAKHTIN, 1993), que considera os gêneros como tipos de enunciados produzidos em esferas sociais de interações e infensos às condições de produção dos discursos. A leitura realizada pelos candidatos e os recortes efetuados no material de leitura apontam para apropriações diversificadas dos conceitos de pós-verdade e de fakenews. Os textos produzidos ora referem o complexo cenário da circulação de informações no universo digital, bem como as implicações socioculturais desses processos, ora fazem equivaler os conceitos, ora denominam as fakenews como “mentiras”. Na arena social das interações espontâneas, temos ficado perplexos com a aparente incapacidade de grande parcela da população de “separar o joio do trigo” na identificação de fakenews, ainda que exista também uma indisposição para checagem de fontes e dados. Num evento

de letramento controlado como uma prova do vestibular, os textos produzidos podem nos indicar alcances e limitações na leitura de textos de tal modo que possamos nos indagar que mediações junto aos leitores devem ser realizadas no processo de educação linguística na escola.

RESUMO II

**EDUCAÇÃO MIDIÁTICA – CIDADANIA PARA
O MUNDO CONECTADO**

Patricia Blanco (Presidente do Instituto Palavra Aberta)

A tecnologia mudou drasticamente a maneira como nos comunicamos. Nossos dispositivos digitais são quase extensões de nós mesmos. Por meio deles, estudamos, nos relacionamos e participamos intensamente da ágora digital. Temos a sensação de ter qualquer informação ao alcance das nossas mãos. Fotos, notícias, buscas e mais uma infinidade de possibilidades que não existiam até pouco tempo atrás. Neste ambiente, novos atributos são exigidos dos cidadãos e educar a sociedade para o consumo de informação passou a ser uma prioridade. Formar leitores aptos a diferenciar conteúdos, a separar fato de opinião, e claro, questionar a informação que recebe, é o grande desafio do momento.

A educação midiática, termo ainda pouco difundido no Brasil, parece condensar as tendências da educação nesta primeira metade do século 21. É um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático, em todos os seus formatos. Ou seja, ensina a ler, analisar e produzir mensagens em tempos de excesso de informação e escassez de compreensão.

A mídia, qualquer que seja sua versão, tornou-se onipresente. A sua presença é avassaladora, a começar pela influência que exerce na vida de crianças e adolescentes. Mas o aspecto deseducador não está na sua onipresença e sim na miscelânea de informações das quais todos nós somos alvo: ao entretenimento e às mensagens comerciais, políticas e ideológicas somam-se as fake news, mensagens de ódio e de intolerância, enfim, as muitas faces da sociedade, não necessariamente saudáveis, que podem incentivar todo tipo de violência.

É neste cenário que nasce o EducaMídia – Programa de Educação Midiática do Instituto Palavra Aberta, criado para capacitar e engajar professores no processo de educação midiática e incentivar a sua prática em sala de aula.

Por meio do EducaMídia, queremos desenvolver o potencial de comunicação dos jovens nos diversos meios, fomentando habilidades de interpretação crítica das informações, produção ativa de conteúdos e participação responsável na sociedade. Além de criar as condições necessárias para o exercício da liberdade de expressão, inclusiva e respeitosa, nas mais diversas mídias.

Palavras chaves – Educação midiática; fake news; desinformação; cidadania; democracia.

RESUMO III

LETRAMENTO, INFORMAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL NO MUNDO DIGITAL

Claudia Wanderley
CLE-UNICAMP

A proposta da UNESCO de trabalhar com letramento midiático, informacional e o diálogo intercultural é voltada para promover o acesso à informação, o espírito crítico e a reflexão sobre conteúdos acessados no âmbito digital, assim como eventual produção de conteúdo autoral. A partir de parceria instalada em 2016 para a tradução e adaptação cultural de um Curso Online Aberto e Massivo sobre o tema, trago algumas reflexões sobre a importância da consideração do que chamamos de epistemologias locais no espaço digital considerando a equidade de gênero e a diversidade cultural como traços de extrema importância na construção social da cidadania. Quando podemos ter acesso a diferentes percepções e compreensões de distintas realidades e podemos refletir sobre a verdade, os conteúdos virtuais podem vir a significar de maneira diferente e abrir portas para estarmos mais aptos a intelectualizar a quantidade de mensagens a que somos expostos em nosso cotidiano. Nessa rede intrincada de

relações e informações, apresento como referência a possibilidade de realizarmos um letramento digital visando uma pessoa reflexiva, ligada ao presente, à realidade diversa que a cerca, a uma dinâmica interpessoal de autonomia e a uma comunidade em que ela pode mobilizar energias e pessoas para realizar o que deseja. Assim, alinhada aos referenciais de filosofia africana de intersubjectivação do Prof. José Castiano (2010), entendo que o espaço digital é um território capaz de dar visibilidade a reflexões, apresentar novos horizontes de realidades e sobretudo promover um diálogo entre diferentes. Esta perspectiva para questões ligadas à diferença nos auxilia a refletir sobre uma atitude interessada em fortalecer nossa própria autonomia, viver bem e se auto-realizar no mundo em diálogo com o diferente. Trata-se de uma aposta em uma construção refletida do dissenso, da diferença, do diálogo em que podemos e devemos agenciar as informações disponíveis para nosso crescimento pessoal e de nossa comunidade. Este mundo possível de diversidade e de interlocução refletida com a diferença vai na contramão da construção digital das chamadas “bolhas” em que apenas vemos as pessoas que concordam conosco em nossas redes sociais. Neste desencontro de visões de mundo jamais podemos abrir mão do fato de que todos precisamos dialogar em prol do bem comum. O espaço digital pode ser mais um lugar para este cultivo. E a compreensão objetiva da importância do diálogo a partir de diferentes perspectivas é nosso exercício neste projeto.